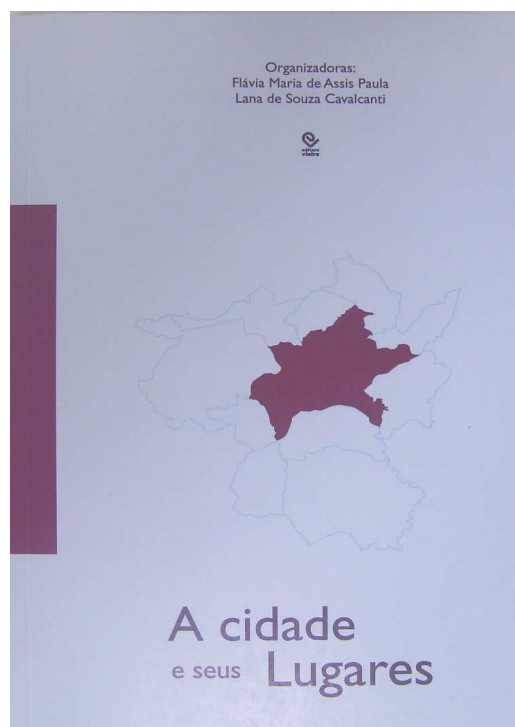


RESENHA

CAVALCANTI, Lana; PAULA, A. M. Flávia. (org.). *A cidade e seus lugares*. Goiânia. Vieira, 2007. 220 pág.



Joyce de Almeida Borges

Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás –UnU Cora Coralina – Goiás-GO
Mestranda pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sócio-
Ambientais / UFG.

E-mail: joycealbo@yahoo.com.br

“A cidade e seus lugares” é coletânea de vários textos sobre a produção do espaço goianiense, com diferentes abordagens no que diz respeito às paisagens urbanas sociais e culturais, às praças, habitações, cidadania, o centro, as desigualdades, sob a ótica de diferentes olhares sobre os lugares e sobre o comportamento da juventude. Sustenta-se nos elementos de estruturação intra-urbanos: centralização, expansão, valorização de áreas, segregação, formação de periferias e de novas centralidades.

O primeiro texto de Lana Cavalcanti problematiza a dinâmica estrutural e social urbana questiona-se as contradições existentes no mundo urbano relacionando a violência com a falta de acesso á escola, ao emprego por grande parte dos jovens e a

falta de cidadania negligenciada pelo poder público. Contrapõe a modernidade e os problemas sociais.

Em seguida Cavalcanti lança a idéia de interpretação dos sujeitos urbanos, afirmando que a multiplicidade identitária é evidenciada no mundo contemporâneo regidas pelos objetos produzidos pela tecnologia ditados pela mídia, o que reforça as idéias de Santos quando afirmava que estávamos sendo dominados pela técnica e pelos objetos. E dialeticamente insere os pobres neste contexto enquanto sujeitos que usam o espaço urbano sem grandes recursos financeiros, apropriam-se de alguns objetos e lugares, ou são segregados, porém dando vida e forma a esse espaço.

Ela mostra que o cidadão precisa se inserir integralmente na cidade, com acesso à moradia, a cidadania, acesso aos espaços públicos. Porém a autora destaca as contradições presentes nestes espaços, no cotidiano, e a partir de dados que os jovens almejam do poder público a construção de praças, ginásios de esportes como pontos fundamentais para a efetivação da cidadania.

Percebe-se com este artigo que os jovens associam as necessidades políticas ligadas ao individualismo do lazer e do esporte. A juventude então estaria dando prioridade a esses elementos? Sabe-se que a precariedade dos bairros em Goiânia necessitam de outros elementos mais importantes tais como postos de saúde nos bairros, escolas mais bem equipadas, empregos, moradia. Então com essa concepção da juventude entrevistada por Cavalcanti podemos concluir que: nossas principais necessidades estão sendo atrofiadas, substituídas ou recriadas? De uma forma ou de outra, continuam sendo negadas.

A autora observa que a cidade educa as pessoas, transmitindo valores, normas. E essa educação ela é variável, pois uma atitude que pode ser condenada por determinados grupos na cidade, pode ser a única alternativa de vida para outras. Sendo assim, a cidade educa e “deseduca” ao mesmo tempo, e ambos os conceitos estão entrelaçados, pois a deseducação também é “um ato educativo”.

Cavalcanti destaca ainda o ensino de geografia e seu papel importante na construção da cidadania, mas evidencia que esse trabalho é “precário”. O ensino de geografia e o sistema educacional como um todo, possui uma força na formação de jovens no que diz respeito às práticas cidadãs, mas sabe-se que a mídia, as igrejas, a família, a própria cidade, os conduzem fortemente e isto se contrapõe ou reforça àquilo

que é proposto pela escola. E mais o estudante pode agir na escola de uma forma pela presença do educador e em outros contextos agir de maneira diferente. Portanto a cidadania enquanto processo de formação é algo complexo e uma luta diária.

No segundo artigo, de Rui Gomes, é dado ênfase ao contexto socioespacial segregador entre centro/periferia, analisa a implantação de assentamentos urbanos periféricos como no caso do Madre Germana II. O autor destaca o processo de metropolização da cidade (Goiânia) como movimentos constantes que caracterizam a identidade da cidade, e essa segregação é amparada pelo próprio processo de produção.

Ressalta alguns fatores que levaram á urbanização do Centro-oeste como a construção de Brasília, da Br-153, lei de regulamentação do parcelamento do solo, esses fatores segundo ele trouxeram a migração e um crescimento desordenado da cidade de Goiânia, com alterações paisagísticas e identitárias como, por exemplo, o “mercadão” que se transformou no Pathernon Center.

Rui Gomes mostra os aspectos que caracterizam a metropolização de Goiânia, como também a segregação espacial e social, bem como as contradições trazidas pelo desenvolvimento urbano, evidenciando a participação do estado como elementos institucionalmente segregador e estratégico, pelo fato de terem sido construídos assentamentos afastados do centro como o da Vila Nova, Vila União, Novo Horizonte, Vera Cruz e Vila Mutirão, com o apoio de entidades habitacionais. Comenta que a população que não se apropria de Goiânia com um emprego e ou moradia se dirigem as “cidades periféricas” como Aparecida de Goiânia, Trindade e Senador Canedo.

O crescimento desordenado é ilustrado pelo autor com os lotes vagos, uma vez que segundo ele só na região de Goiânia há mais de 120 mil lotes vagos. Embasado em

Santos, Rui Gomes afirma que o espaço urbano é disputado pelas classes sociais, e o acesso a esse espaço é condicionado pelo poder aquisitivo.

Maria Diva Araújo C. Vaz “percorre a história do centro” partir da revolução de 1930, e posteriormente a construção de Goiânia tendo o centro como um dos elementos simbólicos mais fortes da cidade. A história do setor central se divide em algumas etapas descritas pela autora.

O primeiro momento de 1933-1938 é caracterizado pela construção de prédios públicos e privados para a moradia e trabalho da população, além da construção da escola Normal e da faculdade de Direito, centros de lazer e de comércio. Nesse período

campinas o “centro de Goiânia” ainda era Campinas, pois era o povoado principal onde as pessoas se dirigiam para fazer compras.

Em 1938 com a transferência definitiva da capital para a Praça Cívica, esta se transforma no “lugar de festa”, de “encontro”. Porém a partir de 1960 a Avenida Anhanguera é que aparece com o um lugar de encontro e não mais a praça.

A partir de 1964-1992, Campinas e Vila Nova são pólos identificados pela construção urbana como “novos centros” com novas paisagens. Já em 1976 o Setor Oeste aparece com algumas funções administrativas e se destaca a presença do Bosque dos Buritis, Lago das Rosas e Horto Florestal como importantes áreas verdes, a construção da Praça Tamandaré e shoppings.

Contudo, em 1981-1992, o shopping Flamboyant no Jardim Goiás, a instalação de agências bancárias em outros setores dão origem a “subcentros”, o centro é abandonado pela maioria da população de alto poder aquisitivo, porém não perde o seu papel funcional.

No texto de Flávia Maria de Paula o enfoque é o papel do cidadão na produção da cidade. Identifica a cidadania como exercício capaz de alterar o espaço urbano, fazendo uma relação da cidade cidadão e os não cidadãos, pois segundo ela é na cidade que mais se visualiza a negação da cidadania. A autora problematiza que a cidadania não é a mesma para todos, o acesso e os direitos são diferenciados.

Através de entrevistas são analisados os discursos da imagem dos bairros ricos como perfeitos, os problemas de trânsito, alto custo de vida e poluição. Segundo os entrevistados os setores, Marista, Oeste e Bueno são considerados “melhores para se viver do que o centro”, nestes há uma valorização de terrenos pela presença de shoppings, lojas, bancos, cursinhos e colégios particulares.

A valorização de certos espaços e desvalorização de outros implicam também na bifurcação de modos de vida. Enquanto as pessoas que possuem dos bairros nobres possuem várias alternativas de lazer, vinculadas ao poder aquisitivo, os pobres ficam isolados em seus bairros sem estruturas e sem renda para consumir “espaço e direitos”, e as alternativas culturais se resumem a idas em “igrejas, botecos ou em boca de fumo.” E os jovens na tentativa de afirmar uma identidade apresentada pela mídia, tentam se apropriar dos shoppings, das feiras, festas, freqüentam alguns espaços, mas sem poder consumir como os jovens das classes médias e ricas.

E ainda sobre “a reprodução dos lugares da região sul de Goiânia”, Clóris Marinho afirma que com a criação da T-63 (que corta 20 bairros) para a integração do sul de Goiânia e de Aparecida de Goiânia há também uma valorização da região sul, fator que contribui também para a segregação, pois nesta região são construídos os “feudos urbanos”, os condomínios horizontais. Mostra que os bairros estão carregados de subjetividade, afetividade, se estabelecem no imaginário, com discursos, representações e preconceitos.

Rute Athayde Almeida complementa Clóris mostrando a segregação de Goiânia da espacialização dos condomínios horizontais e verticais, mostrando que de 1995-2006 foram construídos 14 condomínios horizontais na cidade, sendo esta a 3ª capital com o maior número de condomínios horizontais, perdendo apenas para São Paulo e Campinas. Ou seja, afirma-se que Goiânia não possui “favelas”, realmente, pois ela vem sendo pensada pelo poder público para atender apenas as classes de maior poder aquisitivo. E os pobres se dirigem para as cidades do entorno.

Segundo a autora há uma concorrência entre os condomínios e entre os moradores, cada qual quer oferecer melhores condições de vida, segurança, áreas verdes. Criam-se logomarcas no imaginário das pessoas de que esses condomínios são “o Oásis do viver, o pedacinho do céu”, com o falso discurso da sustentabilidade. As alterações nas paisagens a partir de suas construções, são apenas no sentido de reforma de ruas dos bairros próximos a esses condomínios, evidencia-se que a periferia continua segregada, servindo às vezes como mão de obra barata a esses condomínios em serviços gerais.

Outro espaço analisado no livro por César Augustus de Freitas é o loteamento Vale dos Sonhos, nele o autor observa os principais problemas urbanos como asfalto e transporte. Define a luta de classes como fator marcante para a ocupação do loteamento, faz uma abordagem teórica dos movimentos sociais urbanos, e acrescenta que a ocupação em 1998 pela SHC (Cooperativa habitacional) e MNRV (Movimento Nacional de Reforma Urbana) foram fundamentais para a ocupação do território dando identidade ao lugar. A aquisição de lotes a partir dessas cooperativas fez da região do Jardim Esperança ser conhecida como a “união das invasões”. Exerce-se assim neste local importantes aspectos para a formação territorial do entorno de Goiânia.

Destaca-se ainda por Maria Visconde, “o Jardim das Oliveiras mais um espaço segregado da metrópole”, localizado em Senador Canedo coma ocupação de 1980 a 2000 apoio também da COHAB-GO. Senador Canedo surge em 1930, a implantação da estrada de ferro Centro-oeste, que dá origem ao setor São Sebastião, foi emancipado de bela Vista. O Jardim das oliveiras surge de assentamento no limite da expansão territorial de senador Canedo em área de limite rural. A autora o problema de habitação evidencia a propulsão da segregação social, e contribui para a formação de bairros na metrópole de Goiânia.

O espaço passa a ser analisado e se materializa nas praças de Goiânia através de Maria Mercedes Oliveira, para ela “a praça se revela como lugar através de seu uso”, e que estas tiveram atenção especial durante gestão de 200/2004. De acordo com a autora a relação de produção e reprodução espacial de dá a partir do espaço construído, pois cada um apropria da praça para praticar usos diferenciados do espaço, que vai interferir no espaço percebido (representação) e no espaço vivido (família), calcados nos conceitos de Lefebvre.

As praças analisadas pela autora foram: Praça do Avião, da Criança, e Praça Vicente Sancho de Almeida. No cruzamento de dados sobre estes três espaços são identificados alguns aspectos interessantes como a frequência maior nos fins de semanas, nos horários vespertinos, e pouca utilização nos horários noturnos pela falta de segurança. As práticas culturais se resumem as atividades esportivas, alimentação nos pit-dogs e espetinhos, e contemplação das paisagens.

Por fim, no último texto, de Wilmont Martins, “a juventude urbana e sua relação com o espaço”, é interrogado: como a juventude goianiense se relaciona coma metrópole? Os discursos sobre o jovem são evidenciados sob os rótulos de “inconseqüentes, irresponsáveis, futuro da nação”. Os seja, são colocados pela sociedade como sujeitos sociais transformadores do espaço positivo ou negativamente.

O autor classifica os comportamentos dos jovens conforme sua condição material e simbólica, uma vez que estes podem variar de acordo coma classe social, gênero, etnia e religiosidade. O consumismo é interpretado como condicionante para frequência dos lugares, e essa frequência varia em uma mesma noite conforme a moda, pelos jovens de classe média alta. Já os jovens de baixa renda possuem uma “menor fluidez territorial” pela falta de opção e oportunidade.

Acrescenta que a frequência de determinados lugares pelos jovens é condicionada pelo modismo e pela quantidade de pessoas. É retratado a partir de entrevistas que o uso de espaços públicos é feito para lazer (descanso, namoro, conversa com os amigos). Mostra ainda que os jovens possuem envolvimento com práticas esportivas, cultura, dança, porém há pouco engajamento político entre eles. Esse pouco envolvimento político é dado pelo fato dos jovens possuírem uma percepção dos problemas sociais preocupados apenas em resolver os seus problemas individuais, traços marcantes da sociedade contemporânea que não se restringe a faixa etária juvenil.

O livro *Cidade e seus lugares* torna-se assim uma obra fundamental na interpretação das relações urbanas na metrópole de Goiás, mostrando a segregação existente, o surgimento de bairros na periferia ocasionados por essa segregação, e a interação dos sujeitos na construção espacial, social e cultural da cidade.

Mas, algumas reflexões após a leitura do livro podem ser problematizadas. As concepções de alguns autores em torno do conceito de cidadania atrelada ao consumo, por exemplo. O ato de consumir tão desejado e tão imposto em nossa sociedade nos levam a pensar neste sentido, será que ter direito na contemporaneidade é apenas ter direito a consumir? Sabemos que não, porém a modernidade nos condiciona a pensar o consumismo como prioridade máxima do ser humano. O conceito de cidadania hoje está sendo reconstruído ou equivocado? Quem não consome é um não cidadão, ou é um não consumista? Até o próprio conceito de cidadão está mercê do capital.

O viver na metrópole implica ter dinheiro para consumir os espaços, consumir lazer. Isso traz traços identitários à Goiânia que se estendem as grandes metrópoles globais, esta apresenta singularidades, como a influência da cultura interiorana, praças, feiras livres, raízes da música e cultura sertaneja, enfim. A cultura goianiense necessita ser interpretada com profundidade, pois o modo de vida urbano é complexo, com vários grupos identitários. Precisamos refletir mais sobre: o que é ser goianiense? Esse é um dos desafios para quem se habilita navegar pelo universo das culturas locais, como diria Lefebvre a cidade possui “subsistema”, significações, vários vividos, “culturas clandestinas e subterrâneas”.

Recebido para publicação em outubro de 2008

Aprovado para publicação novembro de 2008